

# BOSQUE CUAUHTÉMOC: REVELANDO VALORES E DEFININDO DIRETRIZES PARA A CONSERVAÇÃO DE UM JARDIM HISTÓRICO EM MORÉLIA, MÉXICO

## BOSQUE CUAUHTÉMOC: REVEALING VALUES AND DEFINING GUIDELINES FOR THE CONSERVATION OF A HISTORIC GARDEN IN MORELIA, MEXICO

Aline de Figueirôa Silva  
Joelmir Marques da Silva  
Mirela Carina Rêgo Duarte  
Erika Elizabeth Pérez Muzquiz  
Saúl Alcántara Onofre

### RESUMO

Este artigo apresenta a experiência do *Workshop de Puesta en valor y Directrices hacia la Conservación del Bosque Cuauhtémoc*, (o nome Cuauhtémoc foi dado em homenagem ao último imperador asteca, chamado pelos espanhóis Guatimocín, Tenochtitlán – hoje Ciudad de México, 1496 – e Yucatán, atual Honduras, 1525) expressivo espaço verde localizado no centro histórico da cidade mexicana de Morelia, reconhecido como patrimônio mundial pela UNESCO. Considerando-se seus atributos históricos, botânicos e paisagísticos, o parque foi abordado como “obra integrada do homem com a natureza”, à luz da noção de “jardim histórico”. O trabalho se embasou na Carta de Florença (1981), em contribuições de especialistas em jardins históricos, em uma visita de campo realizada pelos participantes brasileiros e mexicanos durante o *workshop*, no estudo de fontes iconográficas e cartográficas e outros registros históricos previamente coletados e disponibilizados. Assim, o texto está estruturado em cinco partes. Inicialmente, introduz a discussão apresentando o objeto e a metodologia do *workshop*. A seguir, expõe as origens e o processo de formação e transformações do parque ao longo do; tempo; prossegue com sua caracterização enquanto jardim histórico e com a análise da sua problemática atual, ambas conduzidas a partir de seis categorias definidas – estrutura paisagística, arquitetura vegetal, edificações, visuais, usos, dissonâncias. Por fim, o texto apresenta um plano de diretrizes para a conservação do Bosque Cuauhtémoc enquanto bem cultural, e, nas conclusões, ressalta contribuições metodológicas para abordar jardins históricos em contextos análogos e o intercâmbio institucional entre México e Brasil neste campo de estudo.

**Palavras-chave:** Parques. Jardins. Patrimônio Cultural. Conservação. História. México.

### ABSTRACT

This article presents the experience of the workshop *Valorization of Bosque Cuauhtémoc and Guidelines for its Conservation* (the name Cuauhtémoc originates from the last Aztec emperor, called by the Spanish conquistadors as Guatimocín, Tenochtitlán – modern-day Mexico City, 1496 – Yucatán, modern-day Honduras, 1525), an expressive green space in the historic center of the Mexican city of Morelia, which is a UNESCO world heritage site. Due to its historical, botanical, and landscape attributes, the park was defined as a result from the “integration of man with nature”, within the framework of “a historic garden”. The work was based on the Florence Charter (1981), on contributions from specialists in historic gardens, on a field visit made by Brazilian and Mexican participants during the workshop, on a study of iconographic and cartographic sources, as well as other historical records previously collected and made available. The text is divided into five parts. It starts the discussion by introducing the object and methodology of the workshop. Then describes the origins and the process of formation and transformation of the park over time; following up by characterizing it as historical garden and analyzing its current problems, both conducted based on six defined categories – landscape structure, plant architecture, buildings, visuals, uses, incongruities. Finally, the text presents a set of guidelines for the conservation of Bosque Cuauhtémoc as a cultural asset, and, in the conclusion, it highlights the methodological contributions for addressing historic gardens in similar contexts, including the institutional exchange between Mexico and Brazil in this field of study.

**Keywords:** Parks. Gardens. Cultural Heritage. Conservation. History. Mexico.



## I. INTRODUÇÃO

Este artigo expõe a experiência do *workshop* intitulado *Puesta en valor y Directrices hacia la Conservación del Bosque Cuauhtémoc*, ocorrido no âmbito do III Seminario Internacional Paisaje y Jardín como Patrimonio Cultural, entre maio e junho de 2019<sup>1</sup>, na cidade de Morelia, localizada no México, e cujo centro histórico é reconhecido como patrimônio mundial pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Com o *workshop*, foi possível fomentar uma discussão sobre os jardins históricos como patrimônio cultural a partir da elaboração de um plano de diretrizes que abarcou a complexidade da questão, oferecendo subsídios à gestão da conservação deste tipo de bem.

O Bosque Cuauhtémoc, objeto do *workshop*, é um expressivo espaço verde de 16 hectares localizado no centro histórico de Morelia (Figura 1), que se destaca pelo traçado antigo, alinhamentos de árvores que marcam o desenho dos caminhos, áreas arborizadas, espaços abertos e fechados e espécies botânicas utilizadas. Na sua configuração, destaca-se ainda a existência de um coreto e de chafarizes históricos, bem como de áreas para práticas esportivas criadas mais recentemente. Assim, por seu programa, dimensão, cobertura vegetal, conjunto de equipamentos e formas de apropriação, o Bosque Cuauhtémoc hoje se caracteriza, tipologicamente, como um parque público, embora tenha recebido diferentes designações ao longo da história – *Paseo de San Pedro*<sup>2</sup> – conforme visto em fontes cartográficas.

Em relação à legislação de proteção, além de estar no núcleo da Cidade Histórica de Morelia, declarada patrimônio mundial em 1991<sup>3</sup>, o parque se encontra no Perímetro A da Zona de Monumentos Históricos, tutelada em 1990 pelo *Instituto Nacional de Antropología e Historia (INAH)*, que lista os bens imóveis a serem conservados. Portanto, sua salvaguarda está garantida, uma vez que o Artigo 19 da Lei Federal sobre Monumentos e Zonas Arqueológicas, Artísticas e Históricas de 1972 considera que “na falta de disposição expressa nesta lei, se aplicam de forma suplementar: I. – Os tratados internacionais” (MÉXICO, 1972, p. 15). Como o Senado da República ratificou, em 1984, a Convenção do Patrimônio Mundial, pode-se aplicar ao Bosque Cuauhtémoc a definição do seu Art. 1:

Para fins da presente Convenção serão considerados como patrimônio cultural: os monumentos – obras arquitetônicas, de escultura ou de pintura monumentais, elementos de estruturas de caráter arqueológico, inscrições, grutas e grupos de elementos com valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência; os conjuntos – grupos de construções isoladas ou reunidas que, em virtude da sua arquitetura, unidade ou integração na paisagem têm valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência; os locais de interesse [sítios] – **obras do homem, ou obras conjugadas do homem e da natureza**, e as zonas, incluindo os locais de interesse arqueológico, com um valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico (UNESCO, 1972, p. 2, grifos nossos).

Desse modo, por fazer parte de um centro histórico protegido por instrumentos legais, reunir atributos históricos, botânicos e paisagísticos e ser obra integrada do homem com a natureza, o Bosque

1 O *workshop* foi conduzido por professores mexicanos da Universidad Autónoma Metropolitana, Unidad Azcapotzalco (UAM-A) e da Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo (UMSNH) e por professores brasileiros vinculados ao Laboratório da Paisagem da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e à Universidade Federal da Bahia (UFBA), todos especialistas nos estudos de jardim e paisagem. O público participante foi composto por estudantes do Curso de Mestrado em Arquitetura, Investigación y Restauración de Sitios y Monumentos, da UMSNH; do Programa de Pós-graduação em Diseño, Planificación y Conservación de Paisajes y Jardines, da UAM-A e da Graduação em Arquitetura e Urbanismo e do Mestrado em Desenvolvimento Urbano, ambos da UFPE. A coordenação geral do *workshop* coube ao Professor Dr. Saúl Alcántara Onofre.

2 Considerando sua configuração e caráter atual, o Bosque Cuauhtémoc é referido, ao longo do texto, como parque ou parque público quanto à sua tipologia paisagística e abordado como jardim histórico quanto ao seu valor patrimonial, já que esta noção abarca praças, parques, jardins, passeios, alamedas, entre outros espaços verdes.

3 O Centro Histórico de Morelia foi inscrito na Lista do Patrimônio Mundial da Unesco mediante aplicação dos critérios (ii), (iv) e (vi), que expressam valores arquitetônicos e urbanísticos vinculados ao Renascimento espanhol, Barroco, Neoclassicismo e Ecletismo, com ênfase nas construções em pedra característica da região, bem como valores históricos ligados ao papel da cidade nas lutas pela Independência do país. Portanto, apesar de estar inscrito na poligonal da Unesco, o Bosque Cuauhtémoc não foi especificamente valorizado nesse processo de patrimonialização.

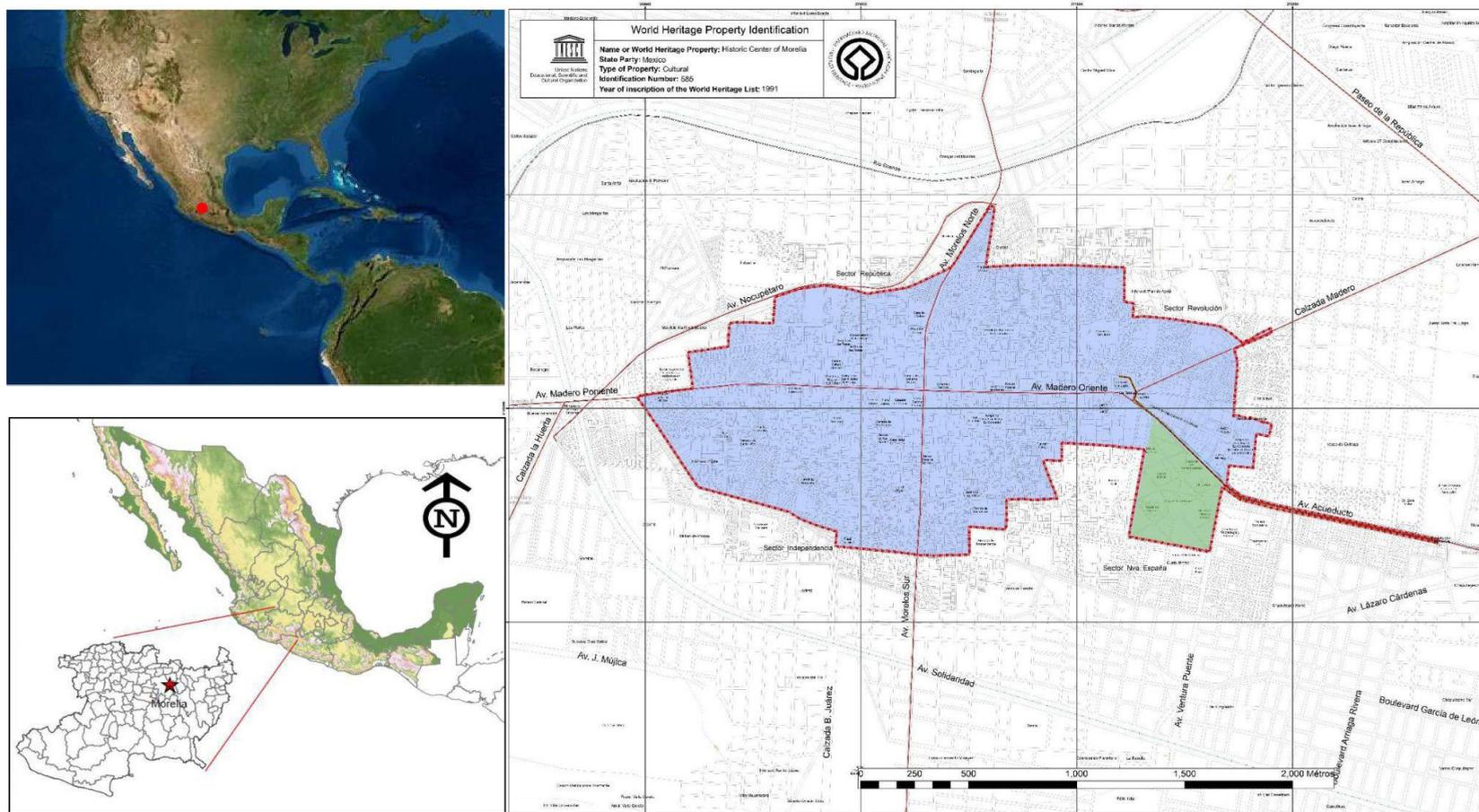


Figura 1 – Mapa de delimitação do Centro Histórico de Morelia definido pela UNESCO, com o Bosque Cuahtémoc destacado na cor verde pelos autores.  
 Fonte: Unesco .  
 Disponível em: [https://whc.unesco.org/en/list/585/multiple=1&unique\\_number=692](https://whc.unesco.org/en/list/585/multiple=1&unique_number=692) Acesso em: 23 fev. 2021.

Cuahtémoc foi compreendido como bem cultural, portanto, analisado à luz da noção de jardim histórico nos termos da Carta de Florença (CARTA DE FLORENCIA, 1981). O problema inicial abordado no *workshop* consiste no fato de que, se por um lado o parque possui valores culturais hoje reconhecidos, por outro, sua conservação não está garantida devido à sua problemática atual.

Para a exposição da experiência do *workshop*, o texto aborda primeiramente as origens e o processo de formação do parque, bem como

as transformações ocorridas ao longo do tempo, considerando o século XIX como a época em que seu desenho se consolidou. Este foi, então, o momento histórico escolhido para a elaboração do plano de diretrizes, de maneira a respeitar a historicidade do Bosque Cuahtémoc, não privilegiando uma época em detrimento de outra, conforme orienta a Carta de Florença (CARTA DE FLORENCIA, 1981).

A seguir, apresentam-se sua caracterização e sua problemática atual, a partir de seis categorias definidas com base no aporte teóri-

co-conceitual, que abarca a referida Carta de Florença (CARTA DE FLORENCIA, 1981) e contribuições de especialistas em jardins históricos, principalmente Añon Feliú (1993; 1995a, 1995b), Silva (2017; 2020) e as experiências práticas apresentadas por Saúl Alcántara Onofre (2001). O trabalho se embasou, ainda, em uma visita de campo realizada pelos participantes do *workshop*, alguns dos quais são também usuários do parque, e no estudo de fontes iconográficas, cartográficas e outros registros históricos previamente coletados e disponibilizados pelos organizadores do evento. Por fim, o artigo discute o plano de diretrizes como resultado do *workshop*, visando à conservação do Bosque Cuauhtémoc enquanto bem de valor cultural e aportando contribuições metodológicas para abordar jardins históricos em contextos análogos.

## 2. ORIGENS E FORMAÇÃO DO BOSQUE CUAUHTÉMOC

4

O lugar onde se implementou o Bosque Cuauhtémoc era um bairro indígena<sup>4</sup> denominado de *San Pedro*, limitando-se com o local no qual foi instalado um aqueduto. De acordo com Juan de la Torre (1986), o povoado de *San Pedro* foi um dos que mais prosperaram na antiguidade: resguardado por árvores frutíferas, espaço ameno e pitoresco. Desde épocas antigas, os habitantes frequentavam esse local para consumir *tamales* e *aguas frescas*<sup>5</sup> nos famosos postos de comida da *Cueva Santa*, do *Tehuacán* e do *Palo Cuate*.

O bairro de *San Pedro* se localizava no quadrante verde do plano da cidade de 1794 (Figura 2), onde existiam pequenas casas dispersas em grandes e irregulares parcelas, seguindo o declive da colina de *Guayangareo* ao modo de terraços agrícolas. Assim, configurava-se um traçado mais orgânico, diferente do traçado em quadrícula do centro, de concepção espanhola. A morfologia do sítio indígena e seu entorno natural expressavam-se na nomenclatura das ruas do

4 Muitos dos bairros indígenas da cidade reproduziram a estrutura dos bairros tarascos de sua procedência, por exemplo, certos nomes de Tzintzuntzan e de Pátzcuaro se estabeleceram em bairros limítrofes a San Pedro (PAREDES MARTÍNEZ, 2010). O governador do bairro de San Pedro também tinha sob sua jurisdição outros sete bairros da cidade em 1809, ainda que não se saiba com certeza porque estes governadores indígenas exerciam esse nível de poder (GARCÍA, 1910). O certo é que sua influência chegava além dos limites do bairro.

5 *Tamal* é uma comida típica à base de milho, e *agua fresca* é uma bebida típica semelhante à água saborizada com frutas.

bairro de *San Pedro*, que passaram a ter nomes de árvores frutíferas (DE LA TORRE, 1986), como do *limón*, do *naranja*, do *almendro*, do *mezquite*, do *granado*, das *parras*, do *sauco*, das *fresas*, das *moras*, das *guindas*, da *aldea*, das *huertas* e do *bosque*.

Existiam na cidade dois passeios em homenagem ao líder revolucionário José María Morelos y Pavón (Valladolid, actual Morelia, 1765 - San Cristóbal Ecatepec, 1815) religioso, político y militar mexicano, caudillo de la independencia de México): o *Paseo de las Lechugas*, no extremo noroeste do assentamento, às margens do bairro dos *Urdiales*; e o *Paseo de San Pedro*, no sudoeste do bairro indígena de mesmo nome.

Em 1810, a Regência espanhola expediu um decreto que beneficiou a economia das comunidades indígenas, já que as isentou de pagar os impostos e “dispôs que as autoridades locais fizessem registros das terras existentes de cada povoado e, onde fosse necessário, procedessem imediatamente à sua repartição” (GARCÍA, 2006, p. 392). Essa disposição promovia a sua divisão entre os habitantes indígenas para que as explorassem por meio da agricultura, com exceção das terras destinadas ao assentamento humano. Com essas medidas, a Regência buscava “proporcionar a igualdade entre os indivíduos e impulsionar o desenvolvimento da agricultura” (GARCÍA, 2006, p. 393). O bairro de *San Pedro* resistiu à divisão por várias décadas, até 1852.

Neste mesmo ano, como consequência do contrato celebrado entre a prefeitura e o representante do bairro de *San Pedro*, se permutaram os terrenos do bairro pelos do *Rancho* e dos *Aguacates*, destinando toda a área necessária para um passeio. Em 1856, a prefeitura concedeu um apoio econômico “para remunerar a pessoa que fizesse um desenho para o *Paseo de San Pedro*” e, assim, se realizou a convocatória para o concurso (VARGAS, 2012, p. 43). O projeto ganhador é atribuído ao engenheiro Guillermo Wodon de Sorinne (VARGAS, 2012).

Até 1861, o passeio sofreu várias modificações com o objetivo de lhe conferir uma forma regular para que as ruas favorecessem o trânsito das carruagens e dos cavaleiros, de modo a não incomodar os pedestres. Assim, o passeio foi dividido em lotes cedidos a

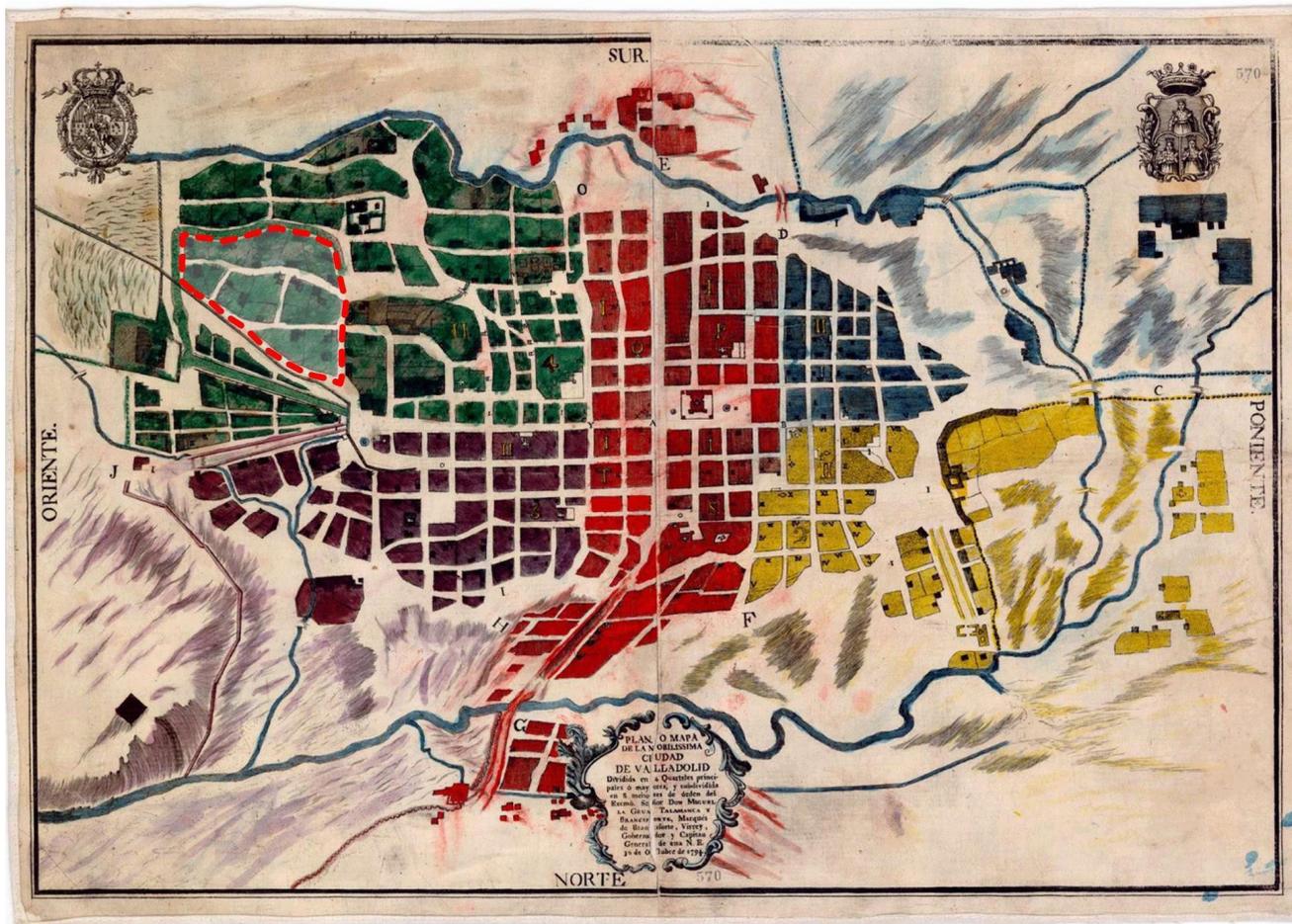


Figura 2 – Plan o Mapa de la Nobilissima Ciudad de Valladolid, 1794, com o Bosque Cuauhtémoc destacado pelos autores. Atentar para a inversão do norte.

Fonte: University of Texas Libraries .

LLILAS/Benson Latin American Collection Exhibitions. Disponível em: <https://utlibrariesbenson.omeka.net/items/show/65>. Acesso em: 18 fev. 2021.

5

particulares para que neles plantassem jardins e construíssem casas de campo.

A forma do passeio era trapezoidal, como se pode ver no mapa de 1794 (Figura 2). O lado Norte possuía 501m, o Leste 309m, o Sul 366m e o Oeste 585m. Sua área total era 163.602m<sup>2</sup>. Nessa primeira divisão se fragmentaram 26 lotes, onde se edificaram várias

casas de campo, entre elas chamava atenção, por exemplo, a do *Jardín de Flora*, a do *Jazmín* e a do *Nopalito*.

Em 1868, o Barão de Brackel-Welda apresentou um projeto paisagístico para a transformação do passeio em um parque. Propôs a construção de casas de campo, vias amplas, bancos cômodos, instalação de estátuas e monumentos aos homens notáveis do Estado



que pertence à *Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo*. Outras abrigam departamentos do Governo, como o de *Desarrollo Integral de la Familia (Casa del DIF) de Michoacán* e o *Edificio de la Comisión Forestal del Estado de Michoacán*. Apesar das mudanças de uso, das adequações dos espaços e dos problemas de manutenção do parque, o traçado do século XIX persiste, assim como a distribuição espacial dos elementos que o compõem.

Atualmente, o parque, formado por *glorietas*<sup>6</sup> em seu interior, monumentos, caminhos, um coreto e espaços arborizados, oferece um espaço público para os habitantes da cidade passearem, jogarem, correrem e realizarem diversas atividades ao ar livre. Em alguns casos, como no entorno do hospital infantil, há pessoas que chegam, inclusive, a pernoitar no local. Certamente existem usos incompatíveis que requerem atenção em relação à manutenção e presença de atividades não desejáveis. Contudo, o parque, suas visuais, a vegetação, a presença de arquitetura de época e monumentos, bem como seu traçado, constituem relevantes atributos históricos, botânicos e paisagísticos, como será visto a seguir.

### 3. VALORES E PROBLEMÁTICA DE UM JARDIM HISTÓRICO

As características que determinam um jardim histórico são intrínsecas à sua configuração atual, com todas as transformações que inevitavelmente o jardim sofre no transcurso de sua vida, de modo que tais aspectos são próprios da sua historicidade. Como afirma Añón Feliú (2005b), o tempo no jardim é vivo e eterno. Assim, por essência, ele está “em evolução permanente, diferente a cada segundo, comparável com uma sinfonia temporal e espacial que não podemos dissociar” (AÑÓN FELIÚ, 1995b, p. 221), mas que é sempre apreendida no tempo presente.

6 Glorieta, em espanhol, significa “plaza, por lo común de forma circular, donde desembocan varias calles, alamedas o vías de circulación”; “plazoleta, por lo común en un jardín, donde su ele haber un cenador”. Disponível em: <https://dle.rae.es/glorieta?m=form>. Acesso em: 16 abr. 2021. Portanto, na falta de uma palavra em português que corresponda literalmente a esse sentido, optou-se por utilizar a expressão glorieta em espanhol, já que se trata de uma característica marcante do traçado do parque..

Neste sentido, buscou-se compreender as características atuais do Bosque Cuauhtémoc como forma de interpretá-lo enquanto bem cultural e melhor elucidar a problemática inerente à sua conservação. Para tanto, o desenvolvimento do *workshop* foi dividido em dois momentos (Figura 4). Primeiramente, houve explicações sobre o Bosque Cuauhtémoc – sua história, aspectos botânico-silvícolas e intervenções anteriores –, discussões conjuntas com especialistas e uma visita técnica ao parque, a fim de se estabelecer uma aproximação inicial com o objeto de estudo que, neste caso, trata-se de um monumento vivo.

A preponderância do tempo na vida e na apreensão do jardim faz dele um monumento vivo, segundo a Carta de Florença (CARTA DE FLORENCIA, 1981), o que, para Añón Feliú (1995b, p. 221), é “uma estrutura de base, em suma, cuja análise nos fornecerá a chave e o ponto de partida necessários para a reabilitação do jardim”. A partir desta premissa, a autora discerne aspectos centrais a serem observados no jardim histórico: **o desenho** ou a estrutura paisagística que define o jardim; **a matéria** do jardim, ou seja, aquilo que o compõe como a sua arquitetura vegetal e outras arquiteturas, efêmeras ou não; **a espacialidade**, apreendida nas suas visuais e a partir do uso do jardim; e **as adições e transformações** a que o jardim está sujeito, e que podem ou não causar dissonâncias.

Os aspectos apresentados por Añón Feliú (1995b), embora intimamente entrelaçados na concretude sutil do jardim, possibilitaram definir, ainda neste primeiro momento do *workshop*, seis categorias de análise distribuídas por seis equipes: 1) **estrutura paisagística**; 2) **arquitetura vegetal**; 3) **edificações**; 4) **visuais**; 5) **usos**; 6) **dissonâncias**. As análises ocorreram com o suporte de material gráfico, histórico e atual, e descortinaram, a partir de aproximações sucessivas, um encadeamento de problemas concernentes à situação do Bosque Cuauhtémoc, apresentados a seguir.

No segundo momento do *workshop*, formou-se uma equipe responsável pelo desenvolvimento de um plano de diretrizes composta por seis participantes, sendo um representante de cada um dos seis grupos de análise, que, por sua vez, seguiram sistematizando o material produzido para apresentação ao final do evento. Partindo dos problemas identificados no primeiro momento do *workshop*, a



Figura 4 – Momentos de desenvolvimento do workshop.

equipe encaminhou a formulação de diretrizes, apresentadas posteriormente no item 4.

8

### 3.1 ESTRUTURA PAISAGÍSTICA

A análise do parque iniciou-se pelo estudo do traçado, por ser este um dos elementos que definem a composição arquitetônica de um jardim histórico (CARTA DE FLORENÇA, 1981), e que, frequentemente, segue uma hierarquia e determina a disposição da vegetação. Trata-se da espinha dorsal do projeto, uma vez que permite a leitura dos passeios e das áreas destinadas a atividades específicas (CONWAY, 1991), o que, no jardim histórico, corresponde à sua “estrutura paisagística” (AÑÓN FELIÚ, 1995a, p. 120). Por tais características, Añón Feliú (1993, p. 312) considera que um jardim histórico é uma criação espacial em que elementos arquitetônicos e vegetais formam uma “unidade inseparável”, portanto, integrada ao traçado.

No Bosque Cuauhtémoc, o traçado estrutura os passeios internos, com eixos primários e secundários favorecendo a contemplação do parque e estabelecendo uma conexão visual com outros espaços livres públicos do entorno – a *Plaza de Villalongin*, o *Jardín Azteca* e a *Plaza Morelos* –, bem como com o aqueduto. Tal configuração foi, ao longo do tempo, se modificando com a criação de novos caminhos incorporados à antiga hierarquia.

Buscou-se, então, entender a composição do traçado do Bosque Cuauhtémoc também levando-se em conta a existência dos caminhos abertos mais recentemente, mas que se encontram incorporados ao seu desenho. Para se chegar à compreensão de sua geometria compositiva foi necessário analisar seu processo evolutivo, não só na escala do parque, mas também da cidade, considerando-se o momento em que seu traçado se consolidou, o que ocorreu no século XIX. A análise mostra como o traçado do parque (tracejado branco) se sobrepôs às vias do antigo bairro indígena (tracejado preto), embora tenha se estruturado a partir de linhas de forças gerais que delimitam seu perímetro e marcam seu eixo central (Figura 5).

Nesses termos, o traçado consolidado foi interpretado segundo três níveis: primário, secundário e terciário. Como eixos primários foram consideradas as principais linhas compositivas que deram origem à quadrícula que delimita as quadras, cujos passeios possuem largura generosa. Paralelos a esses eixos estão os secundários, que se articulam aos primários a partir de *glorietas*, que demarcam espaços de acesso nas bordas do parque e espaços abertos no seu interior. Os eixos secundários, por sua vez, consolidam as quadrículas que caracterizam todo o traçado do parque, enquanto os eixos terciários configuram caminhos dentro das quadras. Alguns caminhos foram considerados dissonantes em

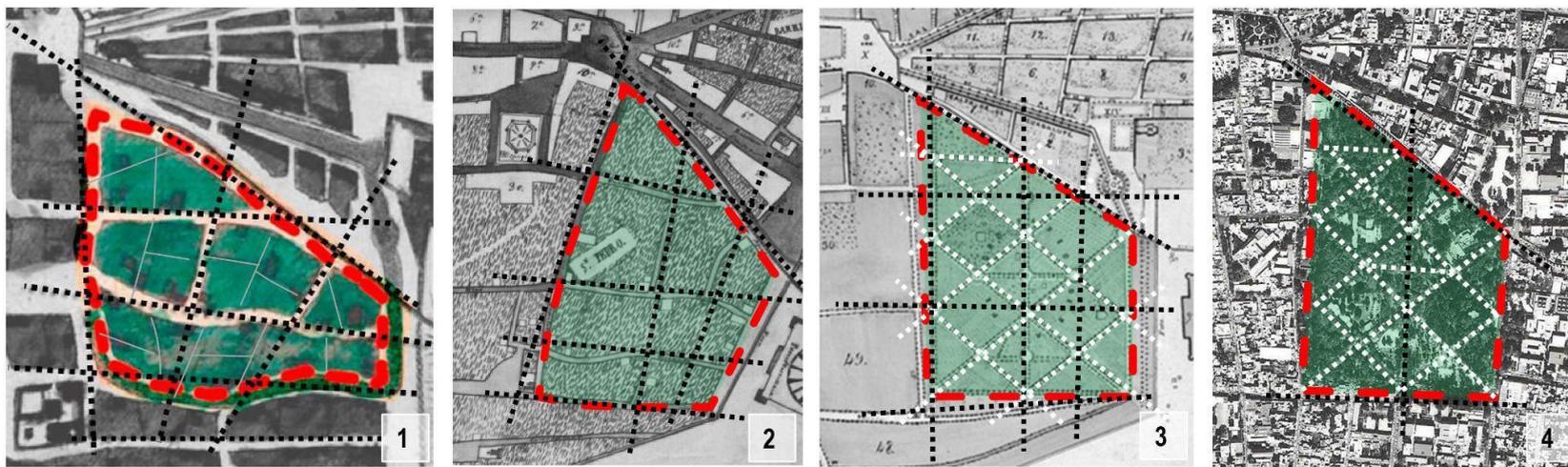


Figura 5 – Análise comparativa do traçado do parque a partir de recortes dos mapas 1) Plan o mapa de la Nobilissima Ciudad de Valladolid, 1794; 2) Plano de la Ciudad de Morelia, levantado por J. M., 1857; 3) Plano General de la Ciudad de Morelia formado por M. Bala, 1869; 4) Fotografía aérea de la ciudad de Morelia, 2006.

Fonte: Site Michoacán histórico e Coordinación Estatal, Inegi.

Disponível em: <http://www.espejel.com/cartografia-historica-de-morelia/>. Acesso em: 20 abr. 2021.

relação ao traçado consolidado até o século XIX, portanto, não dialogam com o preexistente (Figura 6).

Dessa forma, decidiu-se remover os caminhos não considerados como históricos nem hierárquicos, sem função imprescindível que justifique sua manutenção. Por sua vez, os caminhos adicionados de maneira mais harmônica com o traçado e que, portanto, se encontram consolidados, foram mantidos e caracterizados como terciários.

Quanto aos caminhos primários e secundários, optou-se pela manutenção das características que os diferenciam, o que inclui a composição botânica associada às dimensões dos percursos, que resultam em alamedas sombreadas. Essa diferenciação, por uma questão de hierarquização, favorece o plantio de novos indivíduos de fresnos (*Fraxinus uhdei*), característicos desses eixos, de forma a recompor as alamedas e as visuais paisagísticas e valorizar as *glorietas* e outros elementos arquitetônicos significativos, a exemplo dos coretos.

### 3.2 ARQUITETURA VEGETAL

As massas vegetais, com suas essências, volumes, jogos de cores e espaçamentos, destacam-se na composição arquitetônica do jardim histórico como seu principal elemento (CARTA DE FLORENCIA, 1981). Os princípios compositivos atrelados ao vegetal não estão em completo controle, uma vez que sobre a planta incidem leis biológicas que controlam seu desenvolvimento, o que converte o jardim histórico em uma obra de arte efêmera (SILVA, 2020). Assim, conforme Belloso (2014), ao chegar à sua plenitude, o jardim inicia seu lento declínio, o que o leva a ser considerado a expressão mais frágil do patrimônio material. Isso significa que, em nenhum momento, seria ou estaria perfeito.

Por todas essas questões atreladas ao vegetal, a conservação do jardim histórico é algo complexo. Dall’Onda (1975), em seu artigo *Restauro del verde storico nella pianificazione del territorio*, um dos primeiros a tratar a vegetação como elemento central do processo de conservação, de forma a manter o caráter projetual, relata que “a



Figura 6 – Interpretação da estrutura paisagística do Bosque Cuauhtémoc.



partir da realidade de hoje, o jardim no curso dos séculos, sofreu várias sobreposições e metamorfose vegetal, por isso podemos deduzir que é necessário observá-lo e estudá-lo quase como um palimpsesto vegetal” (DALL’ONDA, 1975, p. 30).

Sobreposições e camadas de tempo são claramente vistas no Bosque Cuauhtémoc. Percebe-se a introdução de espécies vegetais atualmente “em gosto”, outras que surgiram por uma questão de dispersão de sementes, bem como indivíduos arbóreos que não seguem o sistema de plantio tradicionalmente consolidado no parque, como é o caso dos fresnos (*Fraxinus uhdei*).

Assim, buscou-se entender as transformações da vegetação do parque, principalmente os acréscimos, e sua relação com o entorno imediato, já que, além do traçado que estruturou o esquema de plantio, o aqueduto definiu um sistema de espaços livres públicos, do qual o Bosque Cuauhtémoc faz parte. Ao se analisar a cartografia histórica, observou-se sua forte relação com a malha urbana, reverberando-se pela cidade e se conectando com praças e jardins adjacentes, tendo o fresno (*Fraxinus uhdei*) como elemento principal da arborização (Figura 7).

Contudo, as transformações ocorridas vêm acarretando a perda de atributos compositivos associados não somente ao componente vegetal, mas também das visuais e da estrutura paisagística do parque. Desse modo, foi realizado um inventário preliminar das espécies que faziam parte da sua composição, uma avaliação da fitossanidade da vegetação e um estudo da densidade vegetal ao longo dos caminhos.

É importante destacar a presença de indivíduos históricos de fresno (*Fraxinus uhdei*), árvore típica da paisagem mexicana, amplamente empregada nos espaços públicos e conventuais, e que caracterizava o parque por sua predominância. Iconografias revelam o emprego do fresno estruturando os grandes eixos do Bosque Cuauhtémoc, marcando o traçado e pontuando as *glorietas*. Tempos depois já se percebe a introdução de espécies exóticas, como o eucalipto (*Eucalyptus* sp.) e o jacarandá (*Jacaranda mimosifolia*), que, mesmo não tendo sido parte da sua fisionomia histórica, estão presentes no imaginário da população, configurando-se como um atributo relevante.

Contudo, a introdução dessas espécies exóticas não só macula a integridade do Bosque Cuauhtémoc, como traz consigo parasitas animais e vegetais. Dentre eles se destacam a *Tillandsia fasciculata* e a *Tillandsia recurvata*, que, por falta de manejo, ocupam as copas das árvores, impossibilitando o crescimento dessas e levando vários indivíduos à morte (Figura 8).

É importante ter em mente que a escolha das espécies vegetais a serem substituídas deve respeitar as diferentes zonas botânicas e culturais e a pesquisa das espécies originais, como orienta a Carta de Florença (CARTA DE FLORENCIA, 1981). Foram, então, propostas as seguintes ações: o manejo de espécies vegetais desassociadas da identidade do parque; a erradicação das pragas; e a reconexão com os espaços livres públicos do entorno. Essas ações contribuirão para a recuperação da integridade do parque a longo prazo.

### 3.3 EDIFICAÇÕES

Além de elementos como o traçado e a vegetação, que estruturam a composição arquitetônica de um jardim histórico, deve-se acrescentar sua relação com o meio no qual se insere, esteja ele ou não diretamente associado a uma edificação (CARTA DE FLORENCIA, 1981). Os jardins históricos encontram-se, então, associados a “seu próprio meio ou ambiente urbano ou rural, artificial ou natural” (CARTA DE FLORENCIA, 1981, p. 2), levando à necessidade de se compreender os vínculos que com ele estabelecem.

No caso do Bosque Cuauhtémoc, situado em uma área urbana histórica e consolidada, e considerando suas origens e transformações, foi realizado um estudo das “edificações” nele localizadas e em sua vizinhança imediata. Buscou-se identificar e classificar as construções de acordo com seu valor intrínseco como arquitetura a preservar ou a substituir e as relações visuais que essas estabelecem com o parque.

Observou-se que, hoje, coexistem construções de interesse patrimonial, nas quais funcionam atividades culturais e administrativas, e edificações novas ou modificadas, sem valor histórico. No primeiro grupo estão o *Edificio de la Comisión Forestal del Estado de Michoacán*, o *Edificio Casa del DIF*, o *Edificio Museo de Historia Natural* e o *Edificio Mu-*



Figura 7 – Interpretação da Arquitetura Vegetal do Bosque Cuauhtémoc.



Figura 8 – Fresnos, eucaliptos e jacarandás na arborização do parque (1); destaque para um indivíduo de fresno (2); e a presença de *Tillandsia fasciculata* e a *Tillandsia recurvata* parasitando as árvores (3).

seo de Arte Contemporâneo Alfredo Zalce – localizados dentro do parque – e o aqueduto, que se impõe como uma linha de força da paisagem, de grande apelo visual, demarcando o limite norte do Bosque Cuauhtémoc. Dentro dele ressalta-se também como exemplar de arquitetura histórica o antigo coreto em ferro, tipo de construção utilitária e ornamental comumente introduzido em praças, parques e jardins do século XIX para dar suporte às atividades de recreação da população (Figura 9). No segundo grupo, destacam-se o *Hospital Infantil* e a *Ludoteca*, e construções anexas à *Comisión Forestal*, à *Casa del DIF* e ao *Museo de Historia Natural*.

De modo geral, a maior problemática referente às edificações é a existência de cercas metálicas que delimitam essas diferentes instituições, bem como suas áreas de estacionamento dentro do Bosque Cuauhtémoc, causando rupturas e impedimentos visuais. Verifica-se o rompimento da continuidade visual entre o parque e o aqueduto, causado por uma via de trânsito intenso de veículos. Outro problema identificado é a razoável quantidade de anexos construídos para o funcionamento das instituições antes referidas, criando contrastes com a arquitetura histórica dos prédios principais.

Propuseram-se, então, as seguintes medidas: preservar a arquitetura histórica; retirar ou propor novos usos para os edifícios não integrados ao caráter histórico do parque; pedestrianizar o aqueduto; e modificar o fluxo veicular.

### 3.4 VISUAIS

As visuais remetem diretamente à compreensão de um jardim histórico, como uma paisagem concebida com intenção artística, ou seja, um lócus de experiência estética que inclui, preponderantemente, a experiência visual, considerando que “todo jardim histórico é destinado a ser visto e percorrido”, segundo a Carta de Florença (CARTA DE FLORENCIA, 1981, p. 3). O documento diz ainda que um sítio histórico “é uma paisagem definida” (CARTA DE FLORENCIA, 1981, p. 2), uma compreensão reforçada pelo Comitê do Patrimônio Mundial da Unesco, que considera, desde 1992, o jardim como uma “paisagem claramente definida, desenhada e criada intencionalmente pelo homem”, e, portanto, um tipo de paisagem cultural (MITCHELL, RÖSSLER, TRICAUD, 2009, p. 18).

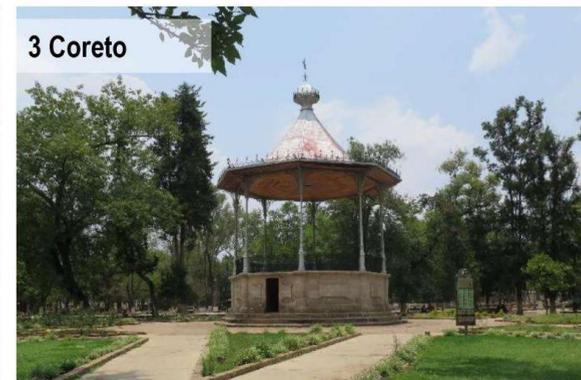


Figura 9 – Demarcação dos edifícios e cercas do Bosque Cuauhtémoc.

Da composição arquitetônica do jardim histórico, tratada na Carta de Florença (CARTA DE FLORENCIA, 1981, p. 2), resulta esta “paisagem definida”, que proporciona a experiência visual com a organização de massas vegetais a partir de um traçado e da inclusão de elementos construídos junto aos elementos naturais. Destaca-se, ainda, a luz nesta composição e na experiência proporcionada, considerada por Añón Feliú (1993, p. 313) como “elemento de primeira ordem e importância”, tão própria de cada jardim.

No Bosque Cuauhtémoc, a experiência visual é direcionada pelos eixos retilíneos do traçado, reforçados por sua composição vegetal, e caracterizados como passeios sombreados que se articulam com *glorietas* iluminadas, destacando-se o coreto presente na *glorieta* central como um relevante ponto focal (Figura 10). Considerando esta composição, buscou-se identificar as visuais resultantes por meio da experiência *in loco* durante a visita de campo e dos registros fotográficos realizados.

Assim, foi possível compreender que a composição do jardim possibilita claramente o enquadramento do olhar nas perspectivas geradas pelo traçado, destacando-se, por exemplo, as visadas para o aqueduto, também valorizado enquanto ponto focal na paisagem. Por sua vez, as grandes quadras resultantes do traçado configuram os panos de fundo arborizados e pontuados por edificações históricas localizadas dentro do parque.

Apesar da clareza visual proporcionada pela geometria do traçado, algumas visadas encontram-se prejudicadas em decorrência de intervenções ocorridas ao longo do tempo, comprometendo a experiência visual. São exemplos destas intervenções: as cercas que contornam algumas quadras, pequenas construções do sistema de infraestrutura, esculturas inseridas recentemente ao longo de um dos passeios e estacionamentos de veículos (Figura 11).

Tendo em vista esta situação, e considerando-se a necessidade de reforçar as visuais que tão fortemente decorrem da geometria do traçado, as ações propostas foram: a retirada dos obstáculos visuais, como as cercas; a relocação das esculturas de valor artístico para outros locais do parque, liberando o passeio; a retirada dos estacionamentos, visando desobstruir as visadas para as árvores

e edificações históricas; o reordenamento da composição vegetal, reforçando as visuais para os pontos focais e as *glorietas*.

### 3.5 Usos

Enquanto gesto de “ordenação humana de uma matéria viva da qual o homem faz parte e da qual ele tem necessidade para viver” (PECHÈRE, 1971, p. 18), o jardim preenche uma função social e espiritual, que remete ao uso como aspecto determinante da sua própria condição de existência. É nesse sentido que os jardins históricos devem, “para responder à sua missão”, tornar-se novamente não apenas locais repletos de ornamentos, mas também “lugares de entretenimento”, o que precisa ser visto como “um meio e não um fim” em si mesmo (PECHÈRE, 1971, p. 20).

Em outras palavras, se por um lado, os usos de um jardim histórico se impõem por ser ele um “lugar de deleite, apropriado à meditação e ao devaneio”, como posto pela Carta de Florença (CARTA DE FLORENCIA, 1981, p. 2), é desejável – e necessário – que tais usos sejam compatíveis com seu caráter delicado e perecível, que lhe acentuem – e não desnaturem – seu “valor cultural e educativo” (ICOMOS, 1971, p. 231).

Pautando-se nesses pressupostos, buscou-se identificar e analisar as diferentes atividades que atualmente ocorrem no Bosque Cuauhtémoc, em suas bordas e áreas livres, como as *glorietas* e vias internas, mas também nas edificações nele localizadas. Foram mapeados tanto os usos mais diretamente relacionados às construções – as que abrigam os serviços hospitalares e assistenciais; as sedes administrativas de repartições públicas; os equipamentos culturais – quanto aqueles verificados diretamente nas áreas livres do Bosque Cuauhtémoc, porém examinados em conjunto.

Alguns usos vinculados às áreas abertas do parque têm forte relação com as referidas construções. Destaca-se, por exemplo, a permanência prolongada de pessoas que acorrem a essa região da cidade em busca de serviços médico-hospitalares e pernoitam na área que fazia o hospital. Na falta de abrigos, muitos acompanhantes dos pacientes estendem suas redes nas árvores, em cuja proximidade se encontram pessoas em situação de rua e de vul-

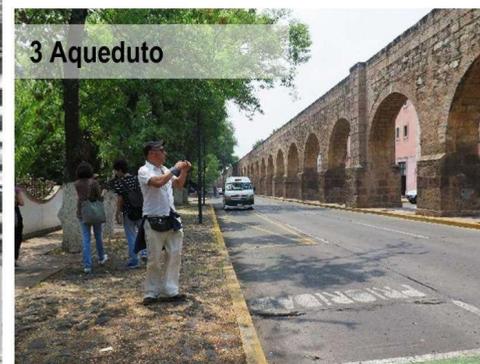


Figura 10 – Interpretação das visuais do Bosque Cuauhtémoc.



Figura 11 – Comprometimento das visuais do Bosque Cuauhtémoc devido a intervenções recentes.

nerabilidade socioeconômica (Figura 12). Os museus e secretarias também incidem diretamente na presença de pessoas, visitantes, moradores e funcionários, o que repercute na utilização das edificações de valor histórico e cultural, contribuindo para sua conservação, mas, por outro lado, também ocasiona a instalação das já referidas cercas metálicas. Os serviços e equipamentos públicos, médico-hospitalares ou culturais e institucionais, geram pressão por estacionamentos de veículos, que vêm a ocupar vias, reduzir áreas de usufruto público e contribuir para a degradação das superfícies verdes do Bosque Cuauhtémoc.

Formas de uso e apropriação das vias, *glorietas*, áreas esportivas e demais espaços abertos, uma vez identificadas e espacializadas, ressaltam vínculos cotidianos da população com o Bosque Cuauhtémoc. Atividades – como correr, passear, andar com cães, andar de bicicleta, dormir e habitar, praticar *tai chi*, conversar, descansar,

meditar, ler e estudar, contemplar, comer, festejar, andar de patinetes e *skate*, jogar, brincar e dançar – foram, então, agrupadas nas seguintes categorias de uso: recreativo; cultural; assistencial; hospitalar; administrativo; comercial; estacionamentos (Figura 13).

Assim, as atividades identificadas no parque, por vezes, ocorrem de forma harmoniosa e complementar – convergindo, portanto, para realçá-lo como lugar de deleite e ressaltar seu valor educacional e social – por vezes, de forma conflitante e ambígua – de modo que devem ser objeto de um plano de gestão.

A partir desse mapeamento, foram definidas três grandes ações: fortalecer; regulamentar; desestimular. Propôs-se fortalecer a circulação de bicicletas e pedestres; a permanência dos usuários por meio do melhoramento do mobiliário; a prática de dança nas *glorietas*; a prática de jogos, levando em conta a necessidade de melhorar

18

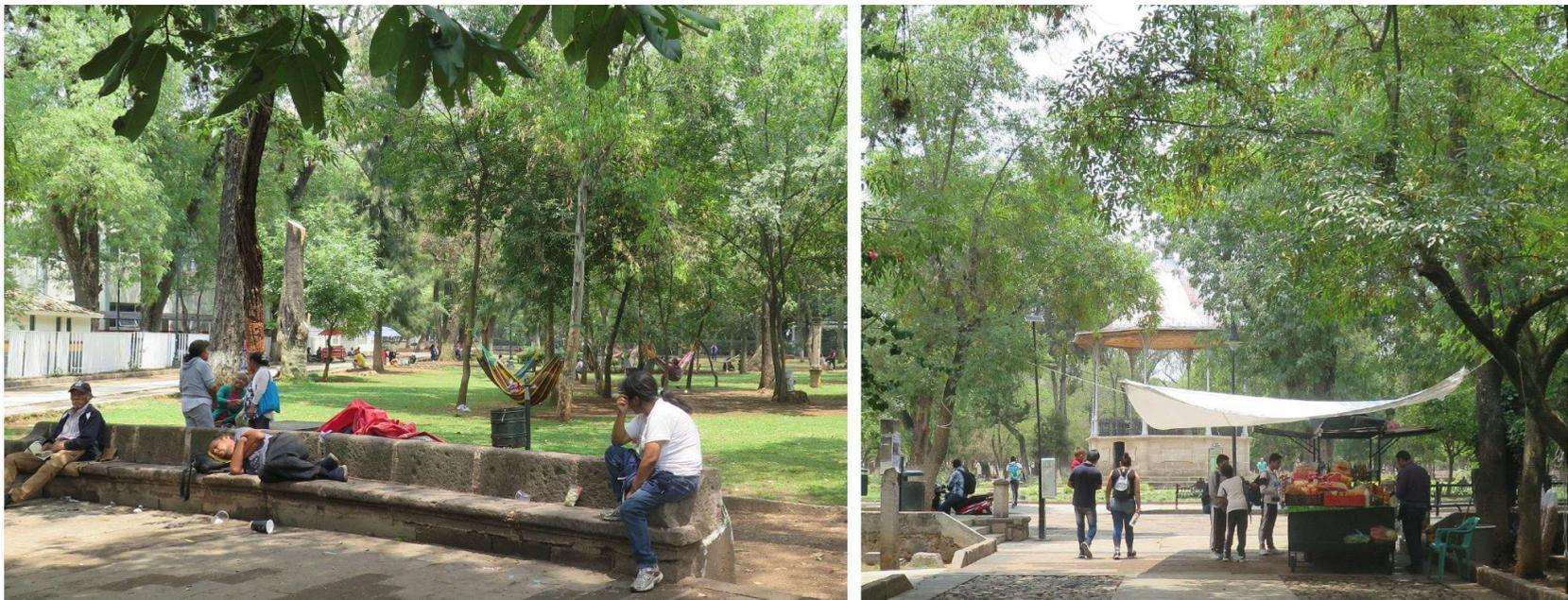


Figura 12 – Área de estar próxima ao hospital, onde se concentram pessoas que buscam serviços médicos, e comércio informal próximo ao coreto.

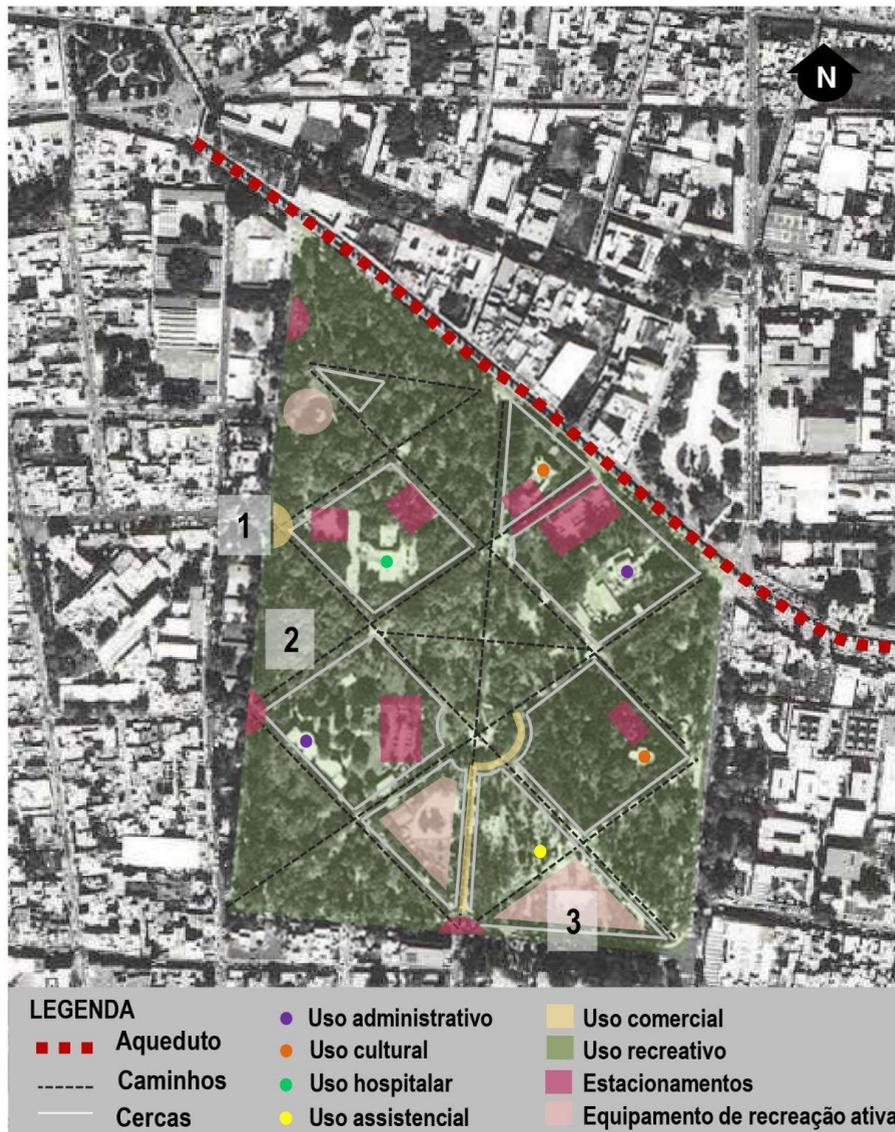


Figura 13 – Identificação dos usos do Bosque Cuauhtémoc.

a iluminação e a sinalização. Outra proposta foi a de regulamentar o comércio informal e ambulante (Figura 12); os festejos que causam danos ao mobiliário e à vegetação; bem como a segurança e a vigilância do parque. Por fim, indicou-se desestimular a fragmentação causada por barreiras que dificultam a livre circulação de pedestres; o vandalismo e os estacionamentos de carros.

### 3.6 DISSONÂNCIAS

Considerando-se a noção de jardim histórico expressa na Carta de Florença (CARTA DE FLORENCIA, 1981), as dissonâncias destacam-se como todo componente que não se harmoniza com o jardim, tanto por razões estéticas quanto históricas, devido ao fato de que toda intervenção é uma contribuição de um período posterior à criação do jardim.

Añon Feliú (1993) destaca que uma das ideias fundamentais para se intervir num jardim histórico é a de que “todo elemento dissonante, esteticamente ou historicamente, deve ser evitado. Ante uma dúvida estética-histórica, prevalecerá sempre o estético sobre o histórico, chave da harmonia que se deve encontrar em um jardim” (AÑON FELIÚ, 1993, p. 314). Assim, as diversas intervenções a que um jardim histórico está sujeito ao longo do tempo podem resultar em dissonâncias, o que ocorre com frequência e, normalmente, configura uma problemática geral, mesmo em casos de restauro. Ou seja, a noção de dissonância sintetiza questões abordadas em todas as categorias de análise apresentadas anteriormente.

No Bosque Cuauhtémoc, as dissonâncias identificadas decorrem, sobretudo, das intervenções recentes no traçado, da inclusão de novas construções, das demandas acarretadas pelos usos contemporâneos das edificações históricas e das mudanças ocorridas na arquitetura vegetal, conforme apresentado nos itens anteriores. Todas elas provocam dissonâncias visuais. Destaca-se que não se trata de dissonâncias resultantes de ações de restauro ou de recuperação do jardim, mas, em sua maioria, de uma situação problemática quanto à posse da terra, ou seja, a uma repartição das áreas do parque entre instituições com usos e funções diversas, o que acarreta sobreposições de responsabilidades e falta de clareza quanto à unidade gestora do Bosque Cuauhtémoc.

## 4. DIRETRIZES PARA A CONSERVAÇÃO DE UM JARDIM HISTÓRICO

As seis categorias a partir das quais o Bosque Cuauhtémoc foi abordado como jardim histórico apontou, por um lado, para um conjunto de valores atrelados à sua concepção arquitetônica e paisagística e à sua condição de parque público que preenche relevantes funções urbanas, e, por outro, expôs problemáticas referentes às modificações e descaracterizações do seu desenho, conflitos de uso e de propriedade fundiária.

Desse modo, foi realizado um cruzamento entre os seis eixos de análise e os principais aspectos revelados por cada um deles, resultando no total de 14 problemas considerados na proposição de diretrizes, visando à conservação do parque (Tabela 1). São eles: 1) conflito de propriedade fundiária; 2) falta de segurança e vandalismo; 3) espécies não existentes na paleta vegetal histórica; 4) comprometimento da fitossanidade; 5) edificações dissonantes; 6) pouca articulação com os elementos significativos do entorno; 7) impactos do hospital; 8) estacionamentos de carros; 9) existência de cercas (barreiras); 10) instalação de esculturas (barreiras); 11) impactos causados pelo comércio ambulante; 12) equipamentos dissonantes; 13) má conservação dos elementos históricos; e 14) modificação do traçado.

Ficou evidente que o problema mais recorrente e que atinge diretamente todas as categorias analisadas é o conflito de propriedade fundiária, como sinalizado pela análise das dissonâncias, ou seja, na medida em que áreas do parque são ocupadas por instituições diferentes, estas interferem no desenho e nos usos e geram demandas e soluções específicas, o que se rebate na proliferação de estacionamentos, na alteração da vegetação, na fragmentação do traçado e na inserção de barreiras e equipamentos.

Por sua vez, entre as seis categorias de trabalho, são as visuais que reúnem, de modo contundente, a totalidade dos problemas identificados. Em outras palavras, as visuais do Bosque Cuauhtémoc são prejudicadas por sua repartição fundiária, pela criação de cercas, pela definição de áreas mais inseguras, em detrimento de outras mais vigiadas, no entorno de cada uma das instituições, pelo plantio de espécies diversas daquelas tradicionalmente usadas e seu mau

TEMAS		Posse da terra		Vegetação		Arquitetura			Equipamentos e Mobiliário					Traçado	
PROBLEMAS	CATEGORIAS	Conflito de propriedade fundiária	Falta de segurança e vandalismo	Espécies não existentes na paleta vegetal histórica	Comprometimento da fitossanidade	Edificações dissonantes	Pouca articulação com elementos significativos do entorno	Impactos do Hospital	Estacionamentos de carro	Existência de cercas (Barreiras)	Instalação de esculturas (Barreiras)	Impactos causados pelo comércio ambulante	Equipamentos dissonantes	Má conservação dos elementos históricos	Modificação do traçado
		Dissonâncias	Usos	X	X	-	-	X	-	X	X	X	X	X	X
Edificações	X		X	-	-	X	-	X	-	-	-	-	-	X	-
Estrutura paisagística	X		-	X	X	X	X	-	-	X	X	X	X	-	X
Arquitetura vegetal	X		X	X	X	-	X	-	X	-	-	X	-	X	X
Visuais	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

Tabela 1: Sistematização das problemáticas do Bosque Cuauhtémoc com destaque para as questões centrais do conflito de propriedade fundiária e a sua interferência nas visuais.  
Fonte: Os autores, 2019.

estado fitossanitário, pelas rupturas provocadas pela implantação do hospital e estacionamentos de carros e pela modificação do traçado, entre outros problemas. As análises apontam, portanto, que as visuais correspondem ao atributo que demanda uma maior atenção no caso de uma intervenção física e paisagística que vise recuperar o bosque enquanto jardim histórico.

Ainda interpretando a Tabela 1, percebe-se como os 14 problemas identificados nas análises a partir das seis categorias foram agrupados segundo sua natureza (diferenciadas por cores na tabela): 1) *Posse da terra*, condição inerente ao Bosque Cuauhtémoc; 2) *vegetação*; 3) *arquitetura*; 4) *equipamentos e mobiliário*; e 5) *traçado*. Ressalta-se que estes quatro últimos itens correspondem aos elementos fundamentais que constituem a composição arquitetônica dos jardins históricos,

segundo a Carta de Florença (CARTA DE FLORENCIA, 1981). Assim, foram propostas diretrizes para a conservação do bosque a partir destes eixos (Figura 14).

Em relação à *posse da terra*, a análise aponta que a questão fundiária constitui o principal desafio à conservação do parque, já que concentra o maior número de dissonâncias. A diretriz geral é de ordem administrativa, e destaca a importância de se assegurar uma unidade gestora para o bosque, a fim de garantir, de forma padronizada, controle de acesso, segurança e tomada de decisões quanto às futuras intervenções necessárias ao bosque como um todo.

Quanto à *vegetação*, a primeira diretriz está atrelada à manutenção da identidade paisagística e da ambiência do parque. Como vários

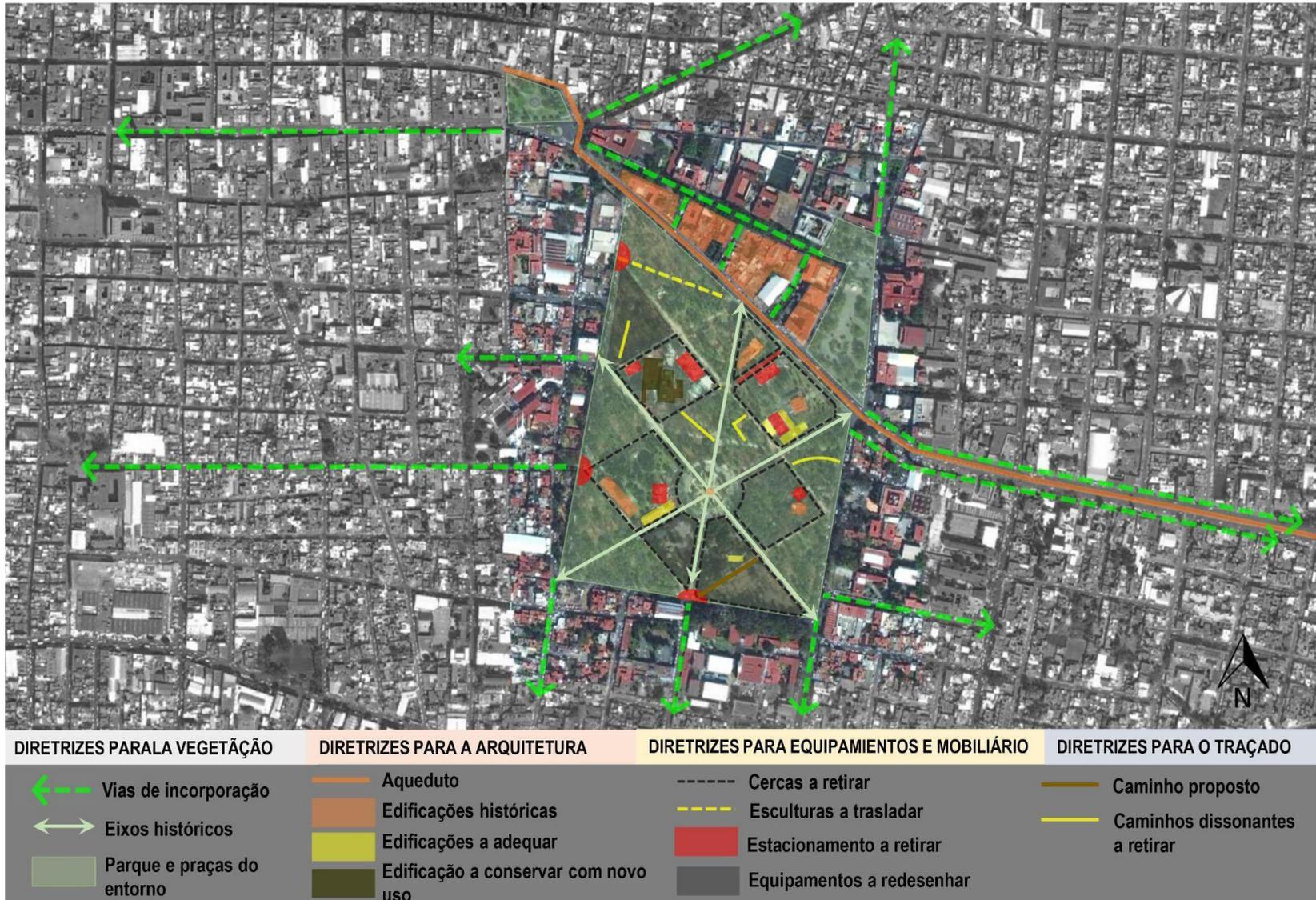


Figura 14 – Mapa-síntese de diretrizes para a conservação do Bosque Cuauhtémoc.

indivíduos centenários de fresno (*Fraxinus uhdei*) estão sendo parasitados por tilandsias (*Tillandsia fasciculata*) e a *Tillandsia recurvata*, que podem causar a morte daqueles, é prioritária a erradicação desse parasita. A proteção dos indivíduos arbóreos históricos é necessária, já que eles configuram um atributo que expressa valor paisagístico, botânico e histórico. Além disso, uma vez que ao longo do aqueduto encontram-se outros espaços verdes nos quais existem indivíduos históricos de fresno (*Fraxinus uhdei*), a criação de vias de incorporação arborizadas com essa espécie também reforçaria a identidade do parque e desempenharia funções ambientais.

A segunda diretriz diz respeito ao manejo, tanto de erradicação, como de replantio de indivíduos de fresno (*Fraxinus uhdei*), que foram introduzidos recentemente sem considerar o sistema de plantio, maculando as linhas de força representadas pelos grandes eixos. O plano de manejo para a vegetação cumpre quatro funções importantes: garantir que os novos indivíduos a serem plantados correspondam a espécies que fazem parte da composição histórica do parque; assegurar que esses sigam o sistema de plantio; auxiliar as práticas de erradicação de elementos estranhos e orientar as ações fitossanitárias que se façam necessárias. Para tanto, há a necessidade de se instituir a figura do jardineiro maior, responsável pela conservação de muitos jardins históricos do México.

As diretrizes para a *arquitetura* contemplaram três tipos de ações referentes a três grupos de construções. A primeira é preservar as edificações históricas cujos usos institucionais reforçam o caráter público do Bosque Cuauhtémoc, bem como preservar o coreto. A segunda é adequar as edificações novas dissonantes, como os anexos das instituições, que funcionam em prédios históricos, bem como a *Ludoteca*, em razão de sua função pública e social. Por fim, a terceira é propor novo uso para a edificação do hospital, que, embora dissonante do conjunto do ponto de vista estilístico, está consolidado. Propõem-se a criação de um centro cultural e educacional para a formação de jardineiros e valorização da memória do parque e o cultivo de mudas da sua paleta vegetal numa sementeira.

Para o item *equipamentos e mobiliário*, foram indicadas as seguintes diretrizes: conservar os equipamentos históricos, a exemplo das fontes d'água (chafarizes); redesenhar equipamentos recreativos

recentemente incorporados; retirar as cercas e os estacionamentos existentes dentro do parque; e trasladar as esculturas contemporâneas que criam barreiras à circulação. Essas medidas objetivam estimular a apropriação da população e reforçar o valor de uso do Bosque Cuauhtémoc para a recreação, o deleite e o lazer, em detrimento da presença de automóveis. Por outro lado, reconhecendo a demanda por estacionamentos como condição necessária ao deslocamento e à visita ao parque por parte dos usuários ou funcionários das instituições, propõe-se que se estimule o estacionamento de veículos no seu entorno por meio de políticas públicas específicas.

Por fim, foram propostas diretrizes referentes ao *traçado*, visando preservar ou recuperar a legibilidade do desenho do parque, a saber: manter os eixos primários, secundários e terciários; retirar os caminhos acrescentados e dissonantes; preservar as *glorietas*, que constituem aberturas e focos de iluminação e que são apropriadas para diversos usos. O tratamento concedido aos caminhos, arborizados e sombreados, e às *glorietas*, abertas e ensolaradas, busca recuperar as hierarquias e os contrastes característicos do traçado.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora protegido por instrumentos de tutela, o Bosque Cuauhtémoc não vem sendo adequadamente conservado, mas, conforme foi demonstrado, tem sido afetado por situações que contribuem para a perda dos seus atributos históricos, botânicos e paisagísticos, e conseqüente comprometimento dos seus valores. Nesse sentido, a experiência do *workshop* contribuiu para a compreensão do parque enquanto bem cultural, ao abordá-lo como jardim histórico, e, ao mesmo tempo, ao esmiuçar os problemas inerentes e imbricados no seu traçado e nos seus equipamentos, no componente vegetal, nas visadas, nas construções e nos usos. Embora localizado no centro histórico de Morelia, o Bosque Cuauhtémoc não foi especificamente valorizado no processo de inscrição da cidade na Lista do Patrimônio Mundial de la Unesco, que enfatizou as características da arquitetura local, que funde materiais regionais a estilos artísticos europeus, o planejamento urbano de matriz renascentista e a vinculação da cidade ao processo de Independência do México.

Devido ao curto período de tempo dedicado ao *workshop* no conjunto das atividades do evento, bem como à grande extensão do parque, não foi possível aprofundar questões específicas, como estudos e proposições referentes aos elementos do mobiliário de menor escala, aos materiais construtivos e à acessibilidade urbana. Por outro lado, as ambiguidades levantadas, os conflitos de uso e de propriedade e as rupturas relativas ao desenho e aos aspectos tangíveis do Bosque Cuauhtémoc – expressos como um conjunto de dissonâncias – indicam a complexidade da problemática que incide sobre ele atualmente.

Considerando-se os desafios colocados e as medidas necessárias à conservação do parque, as diretrizes gerais abrangem soluções de ordem projetual, mas também ações de ordenamento de tráfego e outras a serem engendradas ao nível do controle urbano e das políticas públicas de assistência social, educação e valorização do meio ambiente, que, portanto, indicam a necessidade de uma gestão integrada da conservação.

24 Por fim, pode-se dizer que a experiência do *workshop* sobre o Bosque Cuauhtémoc, realizada em quatro dias, entre outras atividades do seminário, como palestras e visitas técnicas, trouxe contribuições de ordem metodológica e avanços no intercâmbio profissional entre estudiosos e interessados na conservação de jardins históricos, docentes e estudantes, do México e do Brasil, bem como o fortalecimento da relação institucional entre ambos os países. Como este é um campo em formação no Brasil, o *workshop* constituiu uma relevante oportunidade de troca de conhecimentos a partir de um estudo de caso mexicano. Contudo, a experiência de Morelia permite o compartilhamento de soluções, dadas as similaridades com os entraves e possibilidades de conservação de jardins históricos localizados em cidades brasileiras reconhecidas como patrimônio e de porte semelhante.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AÑÓN FELIÚ, Carmen. El jardín histórico: notas para una metodología previa al proyecto de recuperación. *Jardins et Sites Historiques*. Madrid: Ediciones Doce Calles, 1993. p. 312-325.

AÑÓN FELIÚ, Carmen. Del Jardín Histórico y su Rehabilitación. *Nueva Revista*, Madrid, v. 40, p. 116-124, 1995a.

AÑÓN FELIÚ, Carmen. Authenticité. Jardin et paysage. In: *Nara Conference on Authenticity/Conference de Nara sur l'Authenticité*. Geneva: Unesco World Heritage Centre; Centre du Patrimoine Mondial Agency for Cultural Affairs; Direction des Affaires Culturelles, 1995b. p. 217-230.

BELLOSO, José Carlos Sanz. *Jardines históricos*. (Ponencia). Curso abierto de especialización en paisaje, Valladolid, 2014.

CARTA DE FLORENCIA. *Jardines Históricos (Carta de Florencia 1981)*. Paris: Icomos, 1981. Disponível em: [https://www.icomos.org/charters/gardens\\_sp.pdf](https://www.icomos.org/charters/gardens_sp.pdf). Acesso em: 15 mar. 2021.

CONWAY, Hazel. *Peoples' Park*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

DALL'ONDA, Desideria Pasoline. Restauro del verde storico nella pianificazione del territorio. *Italia Nostra*, n. 128, p. 30-33, 1975.

DE LA TORRE, Juan. *Bosque Histórico y Estadístico de La Ciudad de Morelia, Capital del Estado de Michoacan de Ocampo*. Morelia: Biblioteca de Nicolaitas Notables, UMSNH, 1986.

GARCÍA, Genaro. *Documentos Históricos Mexicanos*: obra conmemorativa del primer Centenario de la Independencia de México. Ciudad de México: Museo Nacional de Arqueología, Historia y Etnología, Instituto Nacional de Estudios Históricos de la Revolución Mexicana, 1910.

GARCÍA, Sergio. Las tierras comunales indígenas en Michoacán y las políticas del gobierno español durante la guerra insurgente. In: GUZMÁN, Moisés (coord.). *Entre la Tradición y la Modernidad*, Estudios sobre la Independencia. Morélia: Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, 2006. p. 392-393.

ICOMOS. Recommendations. In: ICOMOS. COLLOQUE INTERNATIONAL SUR LA CONSERVATION ET LA RESTAURATION DES JARDINS HISTORIQUES/ INTERNATIONAL SYMPOSIUM ON CONSERVATION AND RESTORATION OF HISTORIC GARDEN, 1., 1971, Fontainebleau. *Anais[...]*. Fontainebleau: ICOMOS, 1971. p. 230-232. Disponível em: <http://www.international.icomos.org/publications/font28.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2021.

MÉXICO. *Ley Federal sobre Monumentos y Zonas Arqueológicas, Artísticas e Históricas, de 6 de mayo de 1972*. Ciudad de México: Honorable Cámara de Diputados, 1972.

MITCHELL, Nora; RÖSSLER, Mechtild; TRICAUD, Pierre Marie. *World Heritage cultural landscapes: a handbook for conservation and management*. Paris: Unesco, 2009. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000187044>. Acesso em: 4 fev. 2021.

ALCÁNTARA ONOFRE, Saúl. Restauración de jardines históricos en México: los jardines flotantes (chinampas) y los jardines formales (Chapultepec). In: Seminario Internacional Los Jardines Históricos: Aproximación Multidisciplinaria, 2001, Buenos Aires. *Anais[...]*. Buenos Aires: ICOMOS. Disponível em: [https://www.icomos.org/publications/jardines\\_historicos\\_buenos\\_aires\\_2001/conferencia8.pdf](https://www.icomos.org/publications/jardines_historicos_buenos_aires_2001/conferencia8.pdf). Acesso em: 29 jul. 2021.

PECHÈRE, René. La Restauration des Jardins Historiques et la Philosophie du Colloque. In: COLLOQUE INTERNATIONAL SUR LA CONSERVATION ET LA RESTAURATION DES JARDINS HISTORIQUES / INTERNATIONAL SYMPOSIUM ON CONSERVATION AND RESTORATION OF HISTORIC GARDENS, 1., 1971, Fontainebleau. *Anais[...]*. Fontainebleau: ICOMOS, 1971. p. 17-20. Disponível em: <https://www.icomos.org/publications/font3.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2021.

PAREDES MARTÍNEZ, Carlos. Convivencia y conflictos: la ciudad de Valladolid y sus barrios de indios, 1541-1809. In: CASTRO-GUTIÉRREZ, Felipe (coord.). *Los indios y las ciudades de Nueva España*, México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2010.

p. 35-55.

SILVA, Joelmir Marques da. **Integridade visual nos monumentos vivos: os jardins históricos de Roberto Burle Marx**. 2017. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Urbano) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

SILVA, Joelmir Marques da. Restauo e integridade: do concreto ao efêmero. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**. São Paulo: Museu Paulista da USP, v. 28, p. 1-35, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-02672020v28e2>.

UNESCO. **Convención sobre la protección del patrimonio mundial, cultural y natural**. Paris: Unesco, 1972. Disponível em: <https://whc.unesco.org/archive/convention-es.pdf>. Acesso em: 9 fev. 2020.

VARGAS, Jaime. El Paseo de San Pedro, proyecto urbano y conformación legal. In: ET-TINGER, Catherine R.; DÁVILA MUNGUÍA, Carmen Alicia. (coord.). **De barrio de indios de San Pedro a Bosque Cuauhtémoc de Morelia**. Ciudad de México: Miguel Ángel Porrúa, 2012. p. 43-66.

Aline de Figueirôa Silva

Universidade Federal da Bahia (UFBA), Professora da Faculdade de Arquitetura e do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPG-AU).

Rua Caetano Moura, 121, Federação, Salvador, Bahia, Brasil, CEP 40210-905.

<http://lattes.cnpq.br/2108476931331073>

<https://orcid.org/0000-0003-2445-9169>

[aline.figueiroa@ufba.br](mailto:aline.figueiroa@ufba.br)

Joelmir Marques da Silva

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Professor do Curso de Arquitetura e Urbanismo e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano.

Av. da Arquitetura, s/n, Cidade Universitária, Recife, Pernambuco, Brasil, CEP 50740-550.

<http://lattes.cnpq.br/8774813912136170>

<https://orcid.org/0000-0002-8323-7171>

[joelmir.marques@ufpe.br](mailto:joelmir.marques@ufpe.br)

Mirela Carina Rêgo Duarte

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo.

Av. da Arquitetura, s/n, Cidade Universitária, Recife, Pernambuco, Brasil, CEP 50740-550.

<http://lattes.cnpq.br/5208471723518106>

<https://orcid.org/0000-0002-5718-300X>

[mirela.duarte@ufpe.br](mailto:mirela.duarte@ufpe.br)

Erika Elizabeth Pérez Muzquiz

Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo (UMSNH), Professora da Facultad de Arquitectura. Ciudad Universitaria, Francisco J. Mújica, s/n, Colonia Felicitas del Río, Morelia, Michoacán, México, 58030.

<https://orcid.org/0000-0002-0324-2078>

[erika.muzquiz@umich.mx](mailto:erika.muzquiz@umich.mx)

Saúl Alcántara Onofre

Universidad Autónoma Metropolitana - Azcapotzalco (UAM-A), Coordinador y Professor do Programa de Pós-graduação em Diseño, Planificación y Conservación de Paisajes y Jardines.

Av. San Pablo, 180, Colonia Reynosa Tamaulipas, México, D.F., México, 02200.

<https://orcid.org/0000-0002-4676-0668>

[sao@azc.uam.mx](mailto:sao@azc.uam.mx)

Nota do Editor

Revisão do texto: Tikinet

Submetido em: 10/05/2021

Aprovado em: 16/08/2021